

Monteiro Lobato

O Presidente
Negro



Monteiro Lobato

O Presidente
Negro



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
Editora e Distribuidora Ltda.

© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Produção: Ciranda Cultural
Texto: Monteiro Lobato
Projeto gráfico e revisão: Casa de Ideias

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD**

L796p Lobato, Monteiro, 1882-1948
O presidente negro / Monteiro Lobato. - Jandira, SP : Ciranda
Cultural, 2019.
160 p. : il. ; 16cm x 23cm. – (Clássicos da literatura mundial)

Inclui índice.
ISBN: 978-85-943-1862-6

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. I. Título. II. Série.

CDD 869.8992
2019-827 CDU 821.134.3(81)

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949
Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Ficção 869.8992
2. Literatura brasileira : Ficção 821.134.3(81)

1ª Edição

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação
pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou
transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia,
gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos
direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira
distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas
condições sejam impostas aos compradores subsequentes.

SUMÁRIO

Capítulo I – O desastre.....	7
Capítulo II – A minha aurora	15
Capítulo III – O Capitão Nemo.....	18
Capítulo IV – Miss Jane.....	21
Capítulo V – Tudo éter que vibra	25
Capítulo VI – O tempo artificial.....	30
Capítulo VII – Futuro e presente.....	38
Capítulo VIII – A luz que se apaga	44
Capítulo IX – Entre Sá, Pato & Cia. e Miss Jane.....	54
Capítulo X – Céu e purgatório	60
Capítulo XI – No ano 2228	68
Capítulo XII – A simbiose desmascarada.....	76
Capítulo XIII – Política de 2228	81
Capítulo XIV – Eficiência e eugenia	84
Capítulo XV – Vésperas do pleito	92
Capítulo XVI – O titã apresenta-se	98
Capítulo XVII – A adesão das elvinistas.....	101
Capítulo XVIII – O orgulho da raça	109
Capítulo XIX – Burrada	116
Capítulo XX – A convenção branca.....	125
Capítulo XXI – Uma dor de cabeça histórica.....	130
Capítulo XXII – Amor! Amor!.....	137
Capítulo XXIII – A derrocada de um titã	144
Capítulo XXIV – Crepúsculo.....	150
Capítulo XXV – O Beijo de Barrymore	155

CAPÍTULO I

O DESASTRE

Achava-me um dia diante dos guichês do London Bank à espera de que o pagador gritasse a minha chapa, quando vi a cochilar num banco ao fundo certo corretor de negócios meu conhecido. Fui-me a ele, alegre da oportunidade de iludir o fastio da espera com uns dedos de prosa amiga.

– Esperando sua horinha, hein? – disse-lhe com um tapa amigável no ombro, enquanto me sentava ao seu lado.

– É verdade. Espero pacientemente que me cantem o número, e enquanto espero filosofo sobre os males que traz à vida a desonestidade dos homens.

– ?

– Sim, porque se não fosse a desonestidade dos homens tudo se simplificaria grandemente. Esta demora no pagamento do mais simples cheque, donde provém? Da necessidade de controle em vista dos artifícios da desonestidade. Fossem todos os homens sérios, não houvesse hipótese de falsificações ou abusos, e o recebimento de um dinheiro far-se-ia instantâneo. Ponho-me às vezes a imaginar como seriam as coisas cá na terra se um sábio eugenismo desse combate à desonestidade por meio da completa eliminação dos desonestos. Que paraíso!

– Tem razão, concordei eu, com os olhos parados de quem pela primeira vez reflete uma ideia. A vida é complicada, existem leis, polícia, embaraços de toda espécie, burocracia e mil peia?, tudo porque a desonestidade nas relações humanas constitui, como dizes, um elemento constante. Mas é mal sem remédio...

E por aí fomos, no filosofar vadio de quem não possui coisa melhor a fazer e apenas procura matar o tempo. Passamos depois a analisar vários tipos ali presentes, ou que entravam e saíam, na azafama peculiar aos negócios bancários. O meu amigo, frequentador que era dos bancos, conhecia muitos deles e foi-me enumerando particularidades curiosas relativas a cada qual. Nisto entrou um velho de aparência distinta, já um tanto dobrado pelos anos.

– E aquele velho que ali vem? – perguntei.

– Oh! Aquele é um caso sério. O professor Benson, nunca ouviu falar?

– Benson... Esse nome me é desconhecido.

– Pois o professor Benson é um homem misterioso que passa a vida no fundo dos laboratórios, talvez à procura da pedra filosofal. Sábio em ciências naturais e sábio ainda em finanças, coisa ao meu ver muito mais importante. E tão sábio que jamais perde.

– Dou-me com esses rapazes todos que trabalham nas seções de câmbio e por eles sei deste homem coisas impressionantes. Benson joga no câmbio, mas com tal segurança que não perde.

– Sorte!

– Não é bem sorte. A sorte caracteriza-se por um afluxo de paradas felizes, por uma média mais alta de lucro do que de perda. Mas Benson não perde nunca.

– Será possível?

– É mais que possível, é fato. Deve possuir hoje enorme fortuna. Mora em um complicado castelo lá dos lados de Friburgo, mas não cultiva relações sociais. Não tem amigos, ninguém ainda viu o interior do casarão onde vive em companhia de uma filha, servido por criados mudos, ao que dizem. Você sabe que depois da guerra o mundo inteiro jogou no marco alemão.

– Sei, sim, e fui uma das vítimas...

– Pois o mundo inteiro perdeu, menos ele.

– Absurdo! Só se fabricava marcos para vender.

– Ao contrário, comprava e revendia marcos já feitos. O marco, talvez você se lembre, teve em certo período uma oscilação de alta. Renasceram as esperanças dos jogadores e o movimento de compras foi enorme. Benson vendeu nessa ocasião. Logo em seguida começou o marco desandar até zero e para nunca mais se erguer.

– Vendeu no momento exato, como quem sabe qual o momento exato de vender...

– Isso mesmo. Com o franco fez coisa idêntica. Comprou exatamente nos dias de maior baixa e vendeu exatamente nos dias de maior alta. Tem ganho o que quer ganhar, o raio do homenzinho...

– E para que necessita de tanto dinheiro?

– Ignoro. Não leva a vida comum dos nossos ricos, não dá festas, não consta que seja explorado por mulheres. É positivamente misterioso o professor Benson – um verdadeiro mágico que vê através do futuro.

Ri-me da expressão do meu amigo e qual filósofo barato murmurei com superioridade:

– Como pode ver através do que não existe? O futuro não existe...

O corretor respondeu-me com uma frase que naquele momento não compreendi:

– Não existe, sim, mas vai existir necessariamente.

– Dois mais dois – é o presente. A soma quatro é o futuro. Um futuro previsível...

– “Vinte e dois!” – gritou uma voz da pagadoria. Era o meu número.

– Dois mais dois também podem ser vinte e dois – graciei eu, despedindo-me do filósofo. – Adeus, meu caro. Na próxima oportunidade você continuará com a demonstração.

Recebi o dinheiro e saí para o torvelinho das ruas, onde breve se me apagou do cérebro a impressão do professor Benson e das palavras do meu amigo.

Mas dá a vida misteriosas voltas e um belo dia, ao despertar de um sono letárgico, quem vi eu diante dos meus olhos, qual um espectro? O professor Benson!...

Não antecipemos, porém; e antes de mais nada permitam-me que fale um bocado da minha pessoa.

Era eu um pobre diabo para toda gente, exceto para mim mesmo. Para mim tinha-me na conta de centro do universo. *Penso e son*, dizia comigo, repetindo certo filósofo francês. Tudo gira em redor do meu ser. No dia em que eu deixar de pensar, o mundo acaba-se. Mas isto parece que não tinha grande originalidade, pois todos os meus conhecidos se julgavam da mesma forma.

Eu vivia do meu trabalho, recebendo dele, não o produto, mas uma pequena quota, o necessário para pagar o quarto onde morava, a pensão onde comia e a roupa que vestia. Quem propriamente se gozava do meu trabalho era a dupla Sá, Pato & Cia., gordos e sólidos negociantes que me enterneciam a alma nas épocas de balanço ao concederem-me a pequena gratificação constituidora do meu lucro. Com eles trabalhei vários anos, conseguindo reunir o modesto pecúlio que transformei em marcos e, com grande dor d'alma, vi se reduzirem a zero absoluto, apesar da teoria de que tudo é relativo.

Continuei no trabalho por mais quatro anos, daí por diante já curado de jogatinas e megalomanias.

Mas todos nós possuímos um ideal na vida. Meu amigo corretor sonha dirigir a carteira cambial de um banco. Aquele pobre que ali passa, tocando o realejo que herdou do pai e ao qual faltam três notas, sonha com um realejo novo em que não falte nota nenhuma. Eu sonhava... com um automóvel. Meu Deus! As noites que passei pensando nisso, vendo-me no volante, de olhar firme para a frente, fazendo, a berros de klaxon, disparar do meu caminho os pobres e assustadiços pedestres! Como tal sonho me enchia a imaginação!

Meu serviço na casa era todo de rua, recebimentos, pagamentos, comissões de toda espécie. De modo que posso dizer que morava na rua, e o mundo para mim não passava de uma rua a dar uma porção de voltas em torno da terra. Ora, na rua eu via a humanidade dividida em duas castas, *pedestres e rodantes*, como os batizei aos homens comuns e aos que circulavam sobre quatro pneus. O pedestre, casta em que nasci e em que vivi até aos 26 anos, era um ser inquieto, de pouco rendimento, forçado a gastar a sola das botinas, a suar em bicas nos

dias quentes, a molhar-se nos dias de chuva e a operar prodígios para não ser amarrotado pelo orgulhoso e impassível rodante, o homem superior que não anda, mas desliza veloz. Quantas vezes não parei nas calçadas para gozar o espetáculo do formigamento dos meus irmãos pedestres, a abrirem alas inquietas à Cadillac arrogante que por eles se metia, a reluzir esmaltes e metais! O ronco de porco do klaxon parecia-me dizer – “Arreda canalha!”

Sonhei, portanto, mudar de casta e por minha vez levar os pedestres a abrirem-me alas, sob pena de esmagamento. E o novo pecúlio, com tanto esforço acumulado depois do desastre germânico, não visava outra coisa. Foi, pois, com o maior enlevo d’alma que entrei certa manhã numa agência e comprei a máquina que me mudaria a situação social. Um Ford.

Os efeitos dessa compra foram decisivos na minha vida. Ao verem-me chegar ao escritório fonfonando, os patrões abriram as maiores bocas que ainda lhes vi e vacilaram entre porem-me no olho da rua ou dobrarem-me o ordenado. Por fim dobraram-me o ordenado, quando demonstrei o quanto lhes aumentaria o renome da firma o terem um auxiliar possuidor de automóvel próprio. E tudo correria pelo melhor, no melhor dos mundos possíveis, se eu me não excedesse na fúria de fordizar a todo o transe com o fito de embasbacar pedestres. A paixão da carreira grelara em mim e, depois de um mês, já não contente com a velocidade desenvolvida por aquele carro, pus-me a sonhar a aquisição de outro, que chispasse cem quilômetros por hora. O aumento de ordenado permitiu-me várias excursões de maluco, nas quais me embriagava aos domingos da delícia de devorar quilômetros. Paguei diversas multas, matei meia dúzia de cães e cheguei a atropelar um pobre surdo que não atendera ao meu insolente “Arredal!”.

Tornou-se-me o pedestre uma criatura odiosa, embaraçadora do meu direito à rapidez e à linha reta. Pensei até em representar ao governo, sugerindo uma lei que proibisse a semelhantes trambolhos semoventes o trânsito pelas vias asfaltadas. Adquiri, em suma, a mentalidade dos rodantes, passando a desprezar o pedestre como coisa vil e de somenos importância na vida.

Por essa época um dos meus patrões encarregou-me de liquidar pessoalmente certo negócio com um freguês morador perto de Friburgo.

Muito fácil me seria lá ir de trem, mas um rodante da minha marca sorria dos trens. Fui no meu auto, apesar das ruins informações que me deram do caminho. Meti boa reserva de gasolina e atirei-me qual um doido por estradas de tropa em que, suponho, nenhum automóvel ainda se arriscara a passar. Numerosos contratemplos sofri nessa minha “viagem a Damasco”, mas mesmo assim tudo acabaria sem novidade se a estrada infame não desembocasse de improviso numa ótima, recém-feita e tão bem conservada como a melhor das pistas de corrida. Mal me vi naquele sétimo céu de macadame, dei toda a força à máquina e desforrei-me da lentidão de até ali com uma chispada a 60 por hora, o máximo que o meu fordinho permitia.

A região que eu atravessava era de maravilhosa beleza. Serras azuis ao longe, quais muralhas de safira a sopesarem um céu de cobalto. Dia de limpidez absoluta. Paisagem das que vibram de nitidez. Desafeito aos formosos quadros da natureza, distraí-me com a novidade do espetáculo e... *cataprus!*

Dormi um longo sono. Quando acordei achava-me num quarto desconhecido, tendo na minha frente... o velho jogador de câmbio que eu vira no banco – o professor Benson!

Grande foi a minha surpresa, e ainda maior seria se uma forte dor no meu braço direito me permitisse pensar em alguma coisa além da lesão sofrida nesse apêndice do eixo central do universo.

– Onde estou? – murmurei, olhando muito espantado para o professor Benson.

– Em minha casa – respondeu ele. – Um dos meus homens o encontrou sem sentidos no fundo de um despenhadeiro, ao lado de um Ford em pandarecos.

– O meu Ford em pandarecos! Desgraçado que sou... – gemi.

A dor do braço ofendido era grande, mas a minha dor moral muito maior. Creio até que entre perder o carro e perder um braço eu não vacilaria na escolha. Custara-me tanto consegui-lo... E, além do mais, dada a psicologia dos meus patrões, o certo era reduzirem-me o ordenado, já que eu voltaria a servi-los a pé como outrora...

Tão negra notícia me sombreou de crepes a alma. Não podia conformar-me com o desastre. Delirei. Soube mais tarde, pelo professor, que nesse delírio uma obsessão única transparecia: o desespero ante o meu retorno à miserável casta dos pedestres...

Mas tudo passa. A dor do braço foi atenuando e a dor moral acompanhou-a nesse amortecimento, de modo que pude erguer-me da cama ao cabo de quinze ou vinte dias.

Vi então desenhar-se na minha frente um problema terrível. Davam-me alta em breve e, não havendo mais razão para permanecer naquela casa estranha, forçoso me seria regressar à cidade. E teria de me apresentar diante dos senhores Sá, Pato & Cia. a pé, murcho, resignado às suas pilherias e à lógica redução de salário. Revoltado, deliberei mudar de vida. Quando na manhã seguinte o professor Benson me apareceu no quarto, abri-me com ele.

– Professor, não sei como agradecer o bem que me fez!...

– Fiz o meu dever apenas – declarou com simplicidade o velho.

– Salvou-me a vida, professor. Não fosse a sua preciosa assistência e o provável era estar eu agora esvoaçando pelo outro mundo, como froco de paina psíquica. Minha gratidão é imensa. Mas seria infinita se o professor me ajudasse a resolver o problema muito sério que vejo armar-se diante de mim.

– Diga qual é. Já resolvi diversos, tidos como insolúveis, e ser-me-ia grato resolver mais um...

Animado pela bonomia do velho, abri meu coração. Contei-lhe a mediocridade da minha vida, os meus esforços para juntar o pecúlio empatado no automóvel, a transformação que as quatro rodas me operaram na mentalidade e o horror com que via agora o forçado regresso ao pedestrianismo.

– O professor é opulento e pelo que vejo possui uma grande e linda propriedade. Precisaré, portanto, de homens que trabalhem nela. Eu não queria sair daqui. Arranje-me uma ocupação qualquer, seja lá qual for. Tenho algumas aptidões e, como a boa vontade é grande, para isto ou aquilo sempre hei de servir. O que não desejo é voltar à cidade e ter de apresentar-me, assim decaído, ante os meus truculentos patrões...

O professor Benson pareceu meditar. Tirou do nariz os óculos de ouro, limpou-lhes os vidros num lenço de linho e depois disse:

– Não necessito aqui de ninguém. Posso o número de criados es-
tritamente precisos para conservação desta propriedade e nela não vejo
função que o amigo possa desempenhar. E não o admitiria em hipótese
alguma, se de dias a esta parte não sentisse cá no coração prenúncios
de que minha vida está no fim. Isto me faz sair da política que tenho
levado até hoje e aceitá-lo em minha companhia como... confidente.

– Confidente?... – repeti, sem compreender o alcance da expressão.

– Sim, confidente. Aproveito-me do acaso tê-lo trazido ao meu en-
contro para confiar-lhe a história da minha vida. Mas desde já dou um
conselho: guarde segredo de tudo, depois que eu morrer. Não que seja
caso de segredo, mas vai o amigo ouvir e ver coisas tão extraordinárias
que, se o for contar lá fora, o agarram e o metem no hospício como
doido varrido. Digo que guarde segredo para seu bem apenas. Agora
saia. Dê pelos campos o seu primeiro passeio de convalescente e antes
do almoço procure-me no gabinete.

Findo o discurso o professor premiu o botão duma campainha.

Sem demora vi surgir um criado.

– Acompanhe este moço num passeio pelos arredores e de volta
conduza-mo ao gabinete.

CAPÍTULO II

A MINHA AURORA

Pela primeira vez depois de recolhido àquela mansão punha eu o nariz fora do meu quarto de doente.

Senti-me surpreso. A casa do professor Benson não era ao tipo da casa vulgar. Dava antes ideia de uma espécie de castelo, não pelo estilo, que não lembrava nenhum dos castelos clássicos que eu vira reproduzidos em cartões postais, mas pela massa e o estranho da construção. Olhei para aquilo com marcado espanto. Além do corpo fronteiro, evidentemente moradia familiar, erguiam-se pavilhões, galerias envidraçadas e vários minaretes altíssimos, ou, melhor, torres de ferro enxadrezado, entretecidas de fios de arame.

– Que diabo de casa é esta? – perguntei ao criado, voltando-me para ele.

O criado, um tipo de misterioso aspecto e mais com ar de autômato do que de gente, permaneceu imóvel atrás de mim, sem mostras de ter ouvido.

Repeti-lhe a pergunta, e nada. Lembrei-me então da minha conversa com o corretor, quando me deu informes sobre o sábio Benson e contou que vivia misteriosamente, servido por criados mudos. Sem dúvida era aquele um dos tais. Isto fez-me estremecer. O pouco que eu vira já me provara não ser o morador do castelo um homem comum – e o viver servido por mudos inda mais me aguçava a ponta do enigma.

Prossegui, entretanto, no meu passeio, conformado em fazê-lo em silêncio, uma vez que o mutismo era a senha da casa.

Em redor do castelo estendiam-se campos e florestas. Região montanhosa mas de relevo suave, cochilas mansas que ao longe ganhavam corpo até se erguerem na morraria de um dos contrafortes da serra do Mar.